

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

Com perto de 82 mil funcionários, a Petrobras é, entre as cinco empresas de maior produção de petróleo no mundo, uma das que menos produzem

Um dia a casa cai

Nós, brasileiros, ainda vamos chorar muito, com essa história mentirosa de se extrair petróleo da chamada camada pré-sal, abaixo de 7 mil metros de profundidade. A questão do pré-sal é a inexistência de tecnologia em qualquer país para se extrair petróleo a tal profundidade. Gastando rios de dinheiro, a Petrobras tem contratado importantes estudos para viabilizar a ideia maluca de buscar o petróleo na região mais profunda da terra, em alto-mar.

Todos os equipamentos idealizados até agora redundaram em formidável fracasso. A plataforma P-50, tida como símbolo do governo Lula, não extrai os 70 mil barris/dia dos 180 mil alardeados, sendo que o restante é água.

Como se sabe, a Petrobras fechou o ano de 2012 com queda na produção, a primeira a ocorrer desde 2007, exatamente porque os “artistas” da empresa imaginaram que, na chamada camada pré-sal, era só enfiar uma sonda que o



petróleo iria jorrar. Até hoje, as perfurações não foram superiores a 2 mil metros e assim mesmo com rupturas de lajes nas proximidades dos poços, provocando vazamento.

Com perto de 82 mil funcionários, a Petrobras é, dentre as cinco empresas de maior produção de petróleo no mundo, uma das que menos produz e que mais gasta.

Montado num marketing formidável, Lula andou por aí vendendo o petróleo que jamais a empresa nacional irá extrair. Não se tratava apenas de um sonho maluco, mas irresponsável, daquele que deseja se perpetuar como um ser supremo, pouco se importando que os negócios no Brasil explodam, inclusive a Petrobras, que vem obtendo resultados pífijs, devido à sua má administração.

Se a sociedade não se aperceber que é chegado o instante de mudar essa gente ruim, perdulária, inútil, que se estabeleceu no poder e se mantém às custas de programas tipo Bolsa-Família, estaremos irremediavelmente perdidos.

Parece que o eleitor, por mais advertido que seja, da real situação do país, dificilmente acordará do “sonho” em que se encontra, que um dia se transformará em pesadelo.

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas
E-mail: roberto.simoes@ufes.br

Caso as punições agravadas não deem resultado, o que virá para atender o furor social fixado no endurecimento penal? O que fará o Estado?

A realidade e a lei

Imaginemos: reduziu-se a maioria penal para 16 anos; no embalo, endureceu-se o Estatuto da Criança e Adolescente, dobrando a internação: seis anos. E agora? É só aguardar a esperada redução de crimes de adolescentes? Ou outros efeitos a contrariarão? O tráfico e o consumo de drogas continuam. As gangues de jovens – característica do Espírito Santo – mantêm a sua temida inserção em bairros com reduzida presença do Estado. Guerreiam na disputa de pontos de venda, executam quem não paga a dívida ou não segue suas imposições. Atuam, ainda, em bairros ricos, que garantem o consumo de drogas, para roubar e até matar – comandados por maiores de idade. Resultado: mortes continuadas.

A sociedade na Grande Vitória se depara com a geração em torno de 14 anos que nasceu e vive sob a influência draconiana do tráfico. Neste contexto, é forte o pleno desrespeito à lei, à autoridade. O que isso provoca em parte dos jovens? O que serve de referência? É um passo para a “banalidade do mal”. Os valores são desvalorizados: risco de morrer alto, ganho elevado.

Jovens atraídos pelo dinheiro e sím-

bolos sedutores do tráfico, incluindo armas e poder, deixarão ou não entrarão neste crime devido aos aumentos da maioria e da internação? A ação do tráfico passará avisar aos de 15 anos? Os acima de 16 anos assumirão funções de maior risco? As alterações neste trabalho criminoso ampliarão mortos com menos de 16 anos? O que fará o Estado, além do aumento das punições para o ingresso precoce de jovens no crime?

O governo Casagrande anunciou, a partir de 2014, a educação integral nas primeiras 10 escolas de ensino médio – menos que uma gota no oceano. As medidas preventivas andam vagarosamente em relação às punitivas. Onde o tráfico está presente os serviços públicos estão comprometidos – diante de ameaças e constante insegurança. Mais policiais não contam com gestão adequada em bairros com maiores violências. Continua-se na era do “batalhão”.

Em breve, reflitamos: adolescentes de 16 até 18 anos julgados serão presos em penitenciárias. O que esperar? E, nas superlotadas unidades, os menores ficarão mais tempo internados. Fazendo o quê? Assim como na prevenção social, as mudanças corretivas nestas instituições não acontecem. Quando estes jovens forem soltos, em menos de uma década, como estarão? Como agirão na volta à sociedade?

Caso as punições agravadas não deem resultado, o que virá para atender o furor social fixado no endurecimento penal?